

Publica-se
às
quintas-
feiras.

O Debate

Orgão do Partido Democrático no Distrito de Aveiro

Redactor principal
Manuel das NevesDirector
José BarataRedacção e Administração:—Rua dos Mercadores, 5
Editor—José Barata
Composto e impresso na Tipografia «Lusitania»
Rua Direita, 75-B e 75-C—AVEIRO

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Dentro em pouco vão os partidos fazer uma nova consulta ao eleitorado do Paiz. E' a ocasião própria de as agremiações politicas locais definirem situações e mostrem o que valem dentro dos grandes agregados politicos.

O P. R. P. tem sabido mostrar ao Paiz quanto vale, o seu Patriotismo e dedicação pela causa Nacional, o seu espirito de sacrificio e grande civismo, nunca se recusando a arcar com as mais duras responsabilidades nos momentos mais dificeis e de mais agudas crises que a Nacionalidade tem atravessado. As provassão bem eloquentes para que possam ser contestadas ainda que pelos seus mais ferozes e desleaes adversarios.

A sua obra é tam clara e brilhante que tem sabido captar as simpatias do Paiz que lhe tem manifestado sempre uma absoluta confiança e uma ilimitada dedicação. Bem digno é ele dessa dedicação e confiança pela maneira honesta e intelligente como tem gerido os negocios publicos e pela firmeza que exuberantemente tem patenteado na manutenção da ordem, esmagando com a sua mão forte a desordem, cancro terrível que asoberba todas as sociedades.

A sua força é manifesta e toda baseada nos bons e são principios, numa perfeita moral administrativa e por isso os seus adversarios o combatem com mais furia acinte e ferocidade.

Essa luta contra o nosso glorioso partido reveste uma característica especial de deslealdade no nosso circulo porque os nossos adversarios, miscelânia heterogenea de sentimentos politicos bem diversos, se servem dos mais baixos processos para conseguirem o unico objectivo comum: o combate ao nosso Partido e aos seus homens mais representativos. Mau grado todas as traficancias de que contra nós se servem, os seus ataques esbarram todos d'encontro á força inquebrantavel da nossa fé, a solidez da nossa organização.

Não lhes tem valido, para nos enfraquecer, as campanhas d'interesse regional, debil cavallo de batalha, de que se serviram contra nós.

A técla do regionalismo está já muito estafada; foi chão que já deu uvas.

Onde estão os melhoramentos tam apregoados pelos corifeus do regionalismo cá da terra e dos quaes tanto alarde fizeram? Onde estão, ao menos, as provas de que se tem interessado pela região? Tudo mentira. Mesquinhos expedientes para captar os votos daqueles que não vêem a verdadeira razão das coisas, a causa insofismavel dos factos. O eleitorado já tirou a prova real para se deixar iludir novamente por vãs promessas.

O canto do cisne já não encontrará éco no espirito dos incautos.

Regionalistas somos nós que, a par dos nossos principios, defendemos a nossa região e o entusiasmo com que lutamos pela nossa ideia não arrefece o calor que pomos na luta pelos progressos da terra.

Nessa abençoada tarefa continuaremos e é nossa esperança que o eleitorado, compenetrado da sinceridade dos nossos esforços e do nosso entranhado amor pela terra, vote os candidatos do nosso partido cujos nomes em breve virão a lume e que dispõem dum programa d'administração municipal que deve satisfazer ainda os mais exigentes.

Não são palavras vãs as que afirmam. Transforma-las-hemos em factos concretos se merecermos, como esperamos, a confiança dos eleitores.

Temos de patentear a nossa força. Para isso necessario, imprescindivel se torna que os correligionarios cumpram integralmente os seus deveres partidarios sendo disciplinados e obedecendo em tudo ás indicações dos corpos dirigentes.

Sem disciplina é impossivel o progresso de qualquer ideia, improficuo resulta todo o trabalho, inuteis são todos os esforços.

Que todos os republicanos se convençam desta verdade e correspondam ao apelo que d'aqui lhes fazemos votando todos, mas todos—que não haja uma deserção—nos candidatos patrocinados pelo P. R. P. Dignificarão assim a Republica, o Partido e contribuirão para o progresso da região.

De Lanque

Um chefe de finanças que encerra a sua repartição em dias santificados

De Anadia informa-nos pessoa de toda a respeitabilidade que o chefe de finanças daquele concelho encerra a sua repartição ás 13 horas em dias santificados, prejudicando assim o serviço publico para zelar os interesses do seu fervor religioso.

Encerrando a sua repartição em dias de feriado nacional e em todos os dias que a Igreja solenemente santifica, este fervoroso funcionario dá aos seus subordinados um edificante exemplo de moralidade e de trabalho já que não sabe honestamente cumprir com os seus deveres de funcionario dum Estado republicano, parece-nos que mais conveniente seria obter o cargo de sacristão de qualquer capela rendosa.

Melhor zelava pelo seu fervor religioso e grangearia proventos que ninguém podia classificar de merecidos e deshonestos!

O dinheiro

Uma das razões mais serias e mais fundamentadas da nossa crise economica e politica é a ambição desmedida que individuos sem o menor sentimento de humanidade vêm desenvolvendo e praticando contra as classes consumidoras.

O operariado neste momento revolta-se em movimentos desordenados.

Não se podem justificar os barbaros processos de defeza das suas ideias.

A bomba e o roubo desordenado não são positivamente meios justos de fazer vingar um ideal. Aqueles que praticam assim exemplos tristes de indisciplina social, longe de merecerem a nossa simpatia e o nosso aplauso, ganham apenas a revolta dos individuos e o protesto inergico das classes trabalhadores.

Mas se não podem justificar-se, á luz da moral e da nossa consciencia humanitaria, esses verdadeiros atentados que se praticam contra pessoas innocentes e contra crianças indefesas, a verdade, porém, é que ha um fundo de justiça em tantos protestos que surgem, em tantos movimentos desordenados que se esboçam.

A exploração que durante a guerra e depois da guerra se vem fazendo das classes pobres e remedeadas transformou a vida num verdadeiro

calvario de dor, de miseria e de infortuno.

Sempre existiu o amor ao dinheiro. Ele foi sempre uma força tremenda, omnipotente, assombrosa.

Duas forças sempre impeliram o homem na vida, imortals, equilibrandose, governando-nos do berço á cova: o Amor e o Dinheiro.

São as duas grandes fomes da natureza humana.

No drama admiravel de Fausto, Goethe simbolizou em Margarida toda a humanidade. Quando Fausto conhece e procura Margarida é um mancebo agil e ardente, de nervos fortes e vibrantes como as cordas esticadas de uma lira.

E' belo e moço. Entretanto, Fausto não se apresenta a Margarida apenas com credenciais da sua juventude radiante: o seu emissario, o seu arauto é o Dinheiro. Antes de ver aquele que ha-de perde-la, Margarida encontra sobre o tocador o eserinlo magifico em cujas pedras brilhantes Mefistofeles pôz todo o brilho infernal da sedução e da cubicia. O amor ao Dinheiro é de todas as épocas e de toda a humanidade.

Mas na hora presente esta sede de dinheiro assume proporções formidaveis.

Quantos e quantos não lembram o rei Midas, desejo de poder transformar em ouro tudo quanto as suas mãos tocassem!...

Midas, rei da Frigia, rei pastor e patriarca, vivia feliz, amado do seu povo. Bateu-lhes um dia á porta do palacio, que era uma choupana, um viajante cansado. Midas acolheu-o com carinho, deu-lhe um pouco do seu pão e da sua agua. O viajante era o deus Baco, que, agradecido, prometeu ao seu bemfeitor conceder-lhe quanto lhe pedisse. O imprudente só soube pedir-lhe uma coisa: «Queiro o filho de Jupiter, que tudo quanto eu toque se transforme em ouro!» Desgraçado! O castigo foi tremendo!

Ao contacto de suas mãos, tudo fuscava mudado em ouro: era ouro duro e frio o alimento que levava á boca, era ouro rijo e gelado a agua com que procurava mitigar a sede; eram ouro áspero os labios de mulher em que os seus lábios buscavam a suavidade e o consolo de um beijo.

Que se lembrem os nossos ambituosos do dinheiro e os exploradores da miseria dos pobres da lenda do infeliz rei Midas! Mais tarde ou mais cedo virá a tortura como castigo da sua ambição e da sua deshumanidade.

Redacção d'O DEBATE

A administração e redacção de «O Debate», que eram na rua dos Mercadores, n.º 5, acabam de passar para a mesma rua, n.º 26.

Dr. Antonio de Oliveira

No proximo numero publicaremos um artigo sobre Eleições Municipais do nosso presado amigo e distiuto medico, dr. Antonio de Oliveira. A colaboração do illustre jornalista constitue para nós uma honra que muito nos penhora e desvaneca.

Comissões Politicas

(NOTA OFICIOSA)

Reuniram todos os membros das Comissões Politicas do P. R. P. do Concelho de Aveiro, tratando da sindicancia ao Museu Regional.

As Comissões Politicas unanimemente afirmaram que nenhuma especie de protecção tem concedido ou concedem ao Director do Museu syndicado, porquanto entendem que a justiça se deve exercer completamente livre de sugestões e de protecções que a ninguém honestamente poderiam aproveitar.

As comissões Politicas, collocando-se num rigoroso campo de neutralidade neste grave assunto, cumprem assim o seu dever de republicanos.

Lamentam e protestam, porém, contra o facto de o syndicante ao referido Museu conviver tão de perto e fóra do seu lugar de syndicante com as pessoas que publicamente tem acusado o director do Museu, Marques Gomes.

Esta convivencia fóra do gabinete de trabalho não é segura garantia da imparcialidade e de uma neutralidade absolutamente indispensavel ao bom desempenho de tão melindrosa missão.

Protestam ainda contra as apreensões, que tem sido feitas contra lei, entendendo que elas só podiam ser efectuadas depois de organizados os respectivos processos.

Do governo Civil foi enviado ao Commissariado de Policia um officio sobre as illegaes apreensões e do qual extratamos os seguintes periodos:

As apreensões a que se refere só podem ser requeridas por quem do direito, e quando o motivo que lhes dá origem seja um facto criminoso.

Tratando-se, no caso presente, de objectos que, como é publico, foram vendidos por determinação do então Governador Civil d'este Distrito Dr. Rodrigo Rodrigues e pelo delegado do Procurador da Republica nesta comarca Dr. Manuel Joaquim Correia, por não terem merecimento algum artistico, e para com o producto dessas vendas se fazer face ás primitivas instalações do Museu, que ao tempo não tinha subsidio algum do Estado, caso é que não ha atos criminosos, cumprindo unicamente ao syndicante averiguar se o director do Museu foi dlem das ordens reeebidas, que lhe foram dadas num periodo anormal e revolucionario, como era aquele em que cheflou este distrito o illudido Governador Civil, sob o Governo Provisorio da Republica.

A'lem disso mesmo que se tratasse de objectos subtraídos, o que parece não succeder, passados cinco anos deu-se a prescriçáo, não podendo assim haver procedimento criminal.

O «Debate», é o
jornal de Aveiro de
maior circulação neste
districto.

A excursão de Aveiro a Viana

As impressões da imprensa

No Teatro Sá de Miranda

A noite houve espectáculo no Theatre Sá de Miranda. O desempenho da peça «20.000 dollars» agradou. O grupo de amadores aveirenses é completo. Apresenta-se admiravelmente e nada deixa a desejar.

Muitas palmas, mufos vivos e muita animação. Num dos intervalos a manifestação feita aos aveirenses foi imponente, grandiosa. Damas e cavalheiros, de pé, nas frisas, camarotes e plateia acenavam com lenços.

O sr. dr. José Barata, orador impulsivo, num entusiasmo pouco vulgar, disse coisas lindas da nossa terra, como as disse do nosso povo e das suas tradições de hospitalidade. Um belo discurso, no qual a voz vibrante do ardente orador imprimiu a nota da mais pura eloquência.

Terminada a peça houve nova manifestação.

Da frisa da auctoridade, o sr. dr. José Barata, mais uma vez demonstrou a sua capacidade oratoria. E num sandoso adeus a Viana, num preito de agradecimento aos vianenses, o brilhante orador foi de uma distinção a toda a prova.

Pelas 5 horas, da tarde, nos claustros do vasto edificio de Velhos e Entrevados de N. S. da Caridade, houve um concerto pela banda Jose Estevam, que executou magistralmente várias peças do seu repertorio. A assistência, que era em numero reduzido, palmeou entusiasmada a excelente filarmónica.

Passeio a Vizeu

Está definitivamente marcado o dia 1 de outubro proximo para a realisação deste passeio á linda cidade de Vizeu e que, como dissemos, é promovido pela Companhia Voluntaria de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes, desta cidade, que assim vai retribuir aos seus camaradas de Vizeu a parte que lhe pertence na visita que em 1920 fizeram a Aveiro.

Estão já em Vizeu tratando de tudo que ao passeio diz respeito o comandante da companhia o nosso amigo tenente Antonio Pedro de Carvalho, que nos deu os seguintes informes:

No dia da chegada realisa-se no Avenida Teatro uma recita com a peça 20.000 dolares, em que mais uma vez se vai evidenciar o Grupo Cénico dos Galitos que, com a nobreza que o caterisa, da melhor vontade aquiesceu ao convite que nesse sentido lhe fez a Companhia promotora do passeio, e conquistando assim mais uma noite de gloria.

O Avenida Teatro é, segundo informes que temos, o melhor teatro do paiz, não só pelo luxo e conforto que nele se nota, mas ainda porque dispõe de 1976 logares sendo os preços muitissimos baratos.

Em Vizeu reina grande entusiasmo e desejo em apreciar o Grupo Cénico dos Galitos.

Roubo

A proprietaria do Hotel Central procurou-nos para desmentir que tenha sido praticado no seu hotel o roubo feito a Filipe Mendes e que foi referido no nosso ultimo numero.

Beira-Mar

Passou mais um aniversario este nosso presado colega de Ilhavo, a quem muito sinceramente apresentamos as nossas felicitações.

A Partida

Seriam 4 1/2 da tarde, Na gare da nossa estação do caminho de ferro já se encontrava muita gente.

Quasi cinco horas. Rompe ao longe uma bicha enorme de pessoas; são os aveirenses que dão as suas despedidas, com expressão no rosto de quem «vem da romaria», a esta linda terra ao som de uma alegre marcha que a banda José Estevam solta aos quatro ventos. Os vivos chocam-se no ar numa gritaria louca. Agora, o cortejo invade a gare da estação. Muita gente, em massa, acomoda-se confortavelmente; ha troca de abraços, e os vivos continuam a espalhar-se no espaço como vibrações de saudade.

A hora aproxima-se. Cada um toma as suas bagagens, leves e singelas bagagens de excursionistas, procura logares no comboio já formado. Signal de partida. Num frenesi que entontecce os vivos recrudescem. A locomotiva arranca lentamente. Os estribos dos vagons são assaltados nervosamente e sob um delirio permanente, caloroso, a maquina resfolegante arrasta a sua pesada cauda negra, aqui e acolá salpicada por dezenas de lenços brancos, que se agitavam na febre de um... «Adeus!»

E, na primeira curva da linha, lá para as bandas de Darque, sumiu-se a boa gente das terras que o Vouga banha, trazendo a brisa, a nossos ouvidos, o eco do ultimo «Viva Viana!»

Retrocediamos, e, ainda, nas grades da Congregação da Caridade, uma velhinha alva e tremula acenava o seu lençinho branco, da cor das neves, num adeus singelo mas significativo—a Velhice dizia adeus á Mocidade.

Da «Aurora do Lima»

Block-Notes

Fez anos o menino Antonio, filho do nosso estimado amigo, sr. Antonio Vilar.

—Deu á luz uma criança do sexo masculino a Esposa do nosso presado amigo, sr. Manuel Faria.

—Encontram-se na Costa Nova as Ex.^{mas} Famílias dos srs. dr. Manuel das Neves, Francisco Marques da Naia, dr. Couceiro, tenente Alves, Domingos Rei Neto, Antonio Cruz, Artur Sacramento, Julio Almeida, Joaquim Luiz Alves de Melo, dr. José Cardoso, Antonio Augusto Marques, dr. Marques da Silva, dr. Alvaro Sampaio, José Robalo, Carlos Magano, João Iria.

—Tambem se encontram a banhos na praia da Costa Nova os srs. dr. José Barata, tenente Adriano de Carvalho, Antonio José Marques, dr. Pereira da Cruz.

—Retiraram da praia da Barra as Ex.^{mas} Famílias dos srs. dr. João Súcena, Domingos Francisco Coelho, Ricardo Bento, Alfredo Osorio e dr. Benjamim Camóssa.

—Chegaram a esta praia as Ex.^{mas} Famílias dos srs. dr. Alberto Soares Machado, dr. José M. Soares, dr. José Pereira Zagalo, capitão do Porto, Domingos Gamelas, dr. Joaquim Peixinho, José Faria, José Gonçalves, Antonio Pereira dos Santos.

—Vimos nesta cidade os srs. Dr. Barbosa Ramos, juiz auditor, dr. Daniel de Almeida, de Sever, Joaquim Luiz, da Mealhada, David Vilar, de Lisboa,

—Retirou desta cidade para Vila Ruiva (Gouveia) a sr.^a D. Antonia Mendes Barata com seus filhos,

BRINDÉ

Pelo sr. Souto Ratola, proprietário da Casa da Costeira, fomos oferecida uma coleção de 25 lindos postais ilustrados com vistas desta cidade e que aquele nosso amigo acaba de editar.

Agradecemos a amabilidade da oferta.

Factos e comentarios

Dr. Afonso Costa

Apesar de afastado da politica ha anos, é ainda este o homem que no paiz tem o maior numero de admiradores e tambem de detractores. Nós estamos devéras aborrecidos com o notavel estadista, porque nos parece que ele não tem o direito de nos abandonar na critica situação que atravessamos. Ele sabe que a sua energia, o seu talento e, sobretudo, a sua auctoridade muito poderiam influir na resolução da crise actual. E, contudo, conserva-se num comodo afastamento que já lhe não levamos a bem.

E' certo que foi perseguido e maltratado. Mas por quem? Pelo dezanove? Tem disto culpa o paiz e principalmente o seu partido? Parece que chegou a queixar-se de que este não foi então muito carinhoso para com ele. E como podia sê-lo, se a todos nós estava sendo feita uma guerra de cão danado? Que poderíamos fazer-lhe, se uns estavam na cadeia, outros no exilio e outros ameaçados das mais atrozes perseguições? Pense o illustre republicano nas circunstancias em que todos nós estávamos e verá que não tem razão para despeitos. O seu partido sempre o adorou e só pode aborrecer-se do grande democrata pela falta que lhe faz e ainda mais ao paiz.

Espirito revolucionario

E' urgente e indispensavel acabar-se no paiz com o espirito revolucionario que se nota, custe o que custar. Qualquer tentativa deve ser severamente castigada, chegando-se ao fusilamento, se tanto fôr preciso. O paiz precisa de socego para sair das dificuldades presentes.

A nossa independência de nação livre pode até ser posta em risco, se não houver juizo. E aos que o tem cumpre o dever de impô-lo aos que dele carecem.

Equilíbrio orçamental

Muitos dos nossos exportadores deixavam o produto dos generos exportados nos bancos estrangeiros, agravando desta forma a situação cambial e o desequilíbrio economico.

O governo elaborou um projecto de lei, pelo qual os exportadores são obrigados a depositar 50 % do valor das exportações.

E' uma providencia de grande alcance e que deve produzir um belo efeito. Tem encontrado dura opposição por parte dos que só olham aos seus interesses, sem se preocuparem com as dificuldades do paiz. Nós só achamos esta providencia pouco radical ainda. Para os grandes males remedios eficazes.

P. A.

O DEBATE

Deu-nos a amabilidade da sua visita, que agradecemos, este nosso distinto colega que, sob a proficiente direcção do sr. dr. José Barata, vê a luz da publicidade na linda e laboriosa cidade de Aveiro.

O Debate apresenta-se excelentemente redigido e insere no seu ultimo numero um ban redigido artigo sobre a projectada excursão desta cidade a Aveiro, á qua o nosso colega dá todo o seu apeio.

Ao Debate, órgão do Partido Democratico daquele importante distrito, desejamos as melhores prosperidades e agradecemos as palavras amáveis que dirige á nossa igualmente laboriosa e linda terra.

D'O despertar, de Coimbra

OFERECE-SE um homem habilitado para todo o serviço de trabalho. Dirigir carta a esta relação com as iniciais J. M.

A PROPOSITO DO ELOGIO DO SILENCIO

Vem a campo o Padre Antonio Vieira.

João Lino, pseudonimo de um espirito culto da nossa terra, faz neste numero d'O Debate o elogio do silencio. Empreza arrojada esta numa terra em que todos falam e muito. O padre Antonio Vieira, a proposito da queda do Diabo, refere os vicios das nações europeias e entre elles, o vicio da palavra nos portuguezes.

Exasperado contra a ingratitude e a fraqueza de Portugal e contra a maledicencia da gente do Maranhão, onde então vivia, explicou esse caso nestas linhas, que de certo ouvireis com prazer saboreando a beleza do estilo e a graça da invenção:

«Todas as terras, assim como tem particulares estrelas, que naturalmente predominam sobre ellas, assim padecem tambem diferentes vicios a que geralmente são sujeitas. Fingiram a este proposito os alemães uma galante fábula. Dizem que, quando o diabo caiu do céu, que no ar se fez em pedaços, e que estes pedaços se espalharam em diversas provincias da Europa, onde ficaram os vicios que nelas reinam. Dizem que a cabeça do diabo caiu em

Hespanha e por isso somos fôgosos, altivos, e com arrogancia graves. Dizem que o peito caiu em Italia, e que d'aqui lhes veiu serem fabricantes de machinas, não se darem a entender e trazerem o coração sempre coberto. Dizem que o ventre caiu em Alemanha, e que esta é a causa de serem inclinados á gula, e gastarem mais que os outros com a mesa e com a taça. Dizem que os pés caíram em França, e que d'aqui nasce serem pouco socegados, apressados no andar, e amigos de bailes. Dizem que os braços com as mãos e unhas crescidas, um caiu em Holanda, outro em Argel e que dal lhes veio (ou nos veio) o serem corsarios. Esta é a substancia do apologo, nem mal formado, nem mal repartido; porque ainda que a applicação dos vicios totalmente não seja verdadeira, tem contudo a semelhança de verdade, que basta para dar sal á satyra. E suposto que a Hespanha lhe coube a cabeça, cuido eu que a parte d'ele que nos toca ao nosso Portugal é a lingua: ao menos assim o entendem as nações estrangeiras, que de mais perto nos tratam.

Costa Nova e Barra

Na Costa Nova ainda não ha distribuição regular de correspondencia, o que ocasiona algumas dificuldades a muitas pessoas que ali estão a banhos.

Que a direcção dos correios remedeie sem perda de tempo esta falta é o que desejamos em nome dos banhistas da Costa Nova.

Vai inaugurar-se dentro de breves dias, na Costa Nova, um teatrinho onde as familias veraneantes vão encontrar mais um motivo de permanencia nesta linda praia.

Enquanto a Costa Nova se encontra com alguma iluminação, a praia da Barra apenas pode olhar a luz do farol. E' á Camara de Ilhavo que incumbe, parecémos, zelar pelos interesses da praia da Barra e, por isso, daqui lhe rogamos, em nome dos habitantes daquela praia, o favor de mandar colocar alguns candieiros de iluminação. Medida que não vai afectar demasiadamente o cofre do municipio e que constitue uma excelente medida de utilidade.

NOVO ESTABELECIMENTO

Na rua de José Estevam acaba de abrir-se um estabelecimento de um genero inteiramente novo, nesta cidade. E' um mixto de mercearia e drogaria onde, a par de generos alimenticios de primeira qualidade, se encontram especialidades farmaceuticas e produtos químicos para serem vendidos a preços moderados.

O Sr. Francisco Gois, um novo que inicia agora a sua carreira, deu ao seu estabelecimento um aspecto agradável e está animado da melhor vontade de bem servir o publico.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para este novo estabelecimento, certos de que lhes prestamos um bom serviço.

Transcrição

O nosso presado colega desta cidade Campeão das Provincias, transcreveu o artigo de fundo que publicamos no ultimo numero com o titulo Ordem Publica, o que muito agradecemos.

Cronica Sportiva

CORRIDAS de NATAÇÃO em AVEIRO

Os campeonatos nacionais

Não podemos fazer a Patria forte com homens fracos. «E' preciso que o corpo tenha vigor para obedecer ao espirito; um bom creado deve ser robusto; um corpo debi enfraquece o espirito» (J. Rousseau).

A natação é o exercicio mais completo que o homem pode e deve praticar para o desenvolvimento do corpo e para a conservação da saude.

Alem dum grande divertimento, a natação proporciona ao homem um dos maiores prazeres morais quando, vendo o seu semelhante em perigo, se arremessa ao seio das aguas e o arranca a uma morte certa.

E' um meio educativo dos mais praticos pois desenvolve qualidades morais de que teremos absoluta necessidade pela vida fora, tais como a coragem, a vontade, o sangue frio, a decisão.

A natação anda ligada ao nome de personagens illustres alguns dos quais se tornaram celebres como nadadores extraordinarios. E' notavel a aventura de Leandro que, para ir ver a sua amante a Hero, atravessava todas as noites o Helesponto a nado. Julie Cesar, marchando á frente das suas legiões, a quem dava o exemplo de bravura e de resistencia fisica, atravessava a nado os rios que se lhe deparavam nas regiões que conquistando. E seculos mais tarde o nosso genial Camões salvava a nado o seu poema que o havia de immortalizar e dar renome a Portugal, quando a nau que o levava para Goa naufragou na foz do rio Mecon.

Nesta ordem de ideias pensamos organizar um campeonato de natação para os rapazes dos clubs de Aveiro, tanto mais que já é tempo de escolher os nadadores que hão-de representar a nossa terra nos campeonatos nacionais de natação que pela primeira vez se realizam em Aveiro no dia 3 de Setembro.

Prestaremos o nosso concurso á causa sportiva e faremos reviver talvez dias alegres, de saudade, que os teve já em tempos a nossa querida cidade de Aveiro.

Marlo Duarte (filho)

Inquérito ás indústrias regionais

A Fábrica da Vista Alegre

Entrevistando o Visconde de Atouguia

Proseguimos hoje o nosso inquérito ás indústrias regionais. Interrompido por circunstâncias que não vemos para o caso, a sua continuação impunha-se não só para dar satisfação a aqueles que com interesse tem acompanhado a nossa campanha pró-difusão do que de mais belo e rico ha na nossa terra adoptiva como também para mostrarmos aos que nos combatem que somos nós os que fazemos autentico e puro regionalismo e não daquele regionalismo criado apenas com o fim ignobil de combater homens e principios.

E nessa missão que nos é tam grata lá fomos numa tarde de sol, até á Vista Alegre onde se desenvolve umas das indústrias que mais honra não só o nosso distrito mas também o nosso Paiz. E fomos, apesar da torreira que nos crestava e nos fazia suar por todos os póros, conscios de que cumpriamos um dever e prestavamos um serviço á mais linda região de Portugal...

O sr. Visconde de Atouguia está atarefado. Acaba de chegar e trata de assuntos urgentes de expediente. Mas o jornalista tem pressa; faz-se anunciar a s. ex.^a e em vez de esperar aproveita o tempo para fazer uma rapida visita ao mostruario e outras dependencias da Fábrica. Belo, maravilhoso, o que vimos mas... as horas apertavam-se e nós queriamos a entrevista.

Mau grado o nosso desejo de tudo ver nós mais reduzidos pormenores, abandonamos o nosso proposito para virmos colher do Sr. Visconde as informações que transmitimos.

O Sr. Visconde é um homem do nosso seculo, um verdadeiro gentleman.

Após os cumprimentos do estilo e depois de declararmos a nossa identidade e o fim que ali nos levava, S. Ex.^a começa:

—A evolução e desenvolvimento da nossa fabrica?...

—Mas, é um assunto tam vasto que certamente não poderá ser tratado numa ligeira entrevista de jornal.

—V. Ex.^a dirá, resumidamente, a marcha ascensional desta bela fabrica, tam conhecida e tam justamente admirada por nacionais e estrangeiros... Enfim, qualquer coisa que sintetise o seu desenvolvimento, o seu progresso...

A Fábrica e o seu passado

—Visto que insiste eu vou contar-lhe em rapidas palavras a historia da nossa fabrica; primeiro, e dir-lhe-hei, depois, alguma coisa sobre a expansão dos seus productos, materia prima, etc.

Dispozemo-nos a tomar os nossos apontamentos. S. Ex.^a começa:

—Esta casa foi fundada em 1824 pelo senhor José Ferreira Pinto Basto. Começou por ser uma fabrica de vidro, porcelana e productos quimicos. Apenas ha vestigios que conservamos da sua laboração em vidros e porcelana.

Na fabricação de vidros chegou a ter grande desenvolvimento em 1830 e tal, chegando á fabricar vidros lapidados, de applicações industriais e vidraça comum.

A industria da porcelana, se bem que mais mórosa, desenvolve-se paralelamente á do vidro.

A porcelana branca e transparente de 1.^a qualidade, já com qualidades analogas ás que hoje possui, só começou depois do sr. Augusto Basto, filho do fundador, ir estudar a França com M.^r Brogniard, distinto ceramista e director da Fabrica de Sevres.

—Dónde mandam V. Ex.^a vir os materiais de construção?

—O Kaolino vinha, a principio, da Inglaterra. Apareceu aqui, mais tarde, em qualquer feira, um homem de Ovar que disse que na sua terra se empregava, para cair, um barro branco que seria, talvez, apropriado

para a manufactura das louças. Capote, empregado da fabrica, pede uma amostra que, depois de convenientemente analisada, se reconhece ser o Kaolino. A partir dessa data emprega-se o kaolino nacional da região de Ovar onde a fabrica possui hoje jazigos seus que lhe garantem a laboração durante muitos anos. Apenas importamos do estrangeiro as tintas que nos vem da Inglaterra, França e Alemanha.

—A arte da decoração é antiga ou recente?

—A arte da decoração data de Rousseau, mestre francez de pintura que foi contratado para a Vista Alegre onde fez escola que se transmitiu de geração em geração.

—E a industria do vidro continua desenvolvendo-se, não é verdade?

—Não. Mais tarde foi posta de parte em consequencia de privilegios concedidos ás fabricas da Marinha Grande.

—A guerra não influiu no desenvolvimento da fabrica?

—De facto, com a guerra, a fabrica atravessou uma crise deficit mas para a debelar e dar maior desenvolvimento á fabrica os seus proprietarios resolveram formar uma nova sociedade composta de 17 membros todos da familia Pinto Basto.

O desenvolvimento da Fábrica. Bairros operários. Creches. Escolas. Os seus clientes

—Sobre desenvolvimento da fabrica não poderia V. Ex.^a dar-me mais alguns esclarecimentos?

—Agora empreendemos a sua modernisação. Começamos já a electrificar a fabrica, a construção de novos fornos, etc. Pensamos também em melhorar as condições de vida dos nossos operarios com a construção de bairros operários, creches, escolas etc., Não descuramos também a parte recreativa com a reconstrução do teatro, edificação de clubs etc.

—Têm larga difusão os productos da vossa fabrica?

—Temos uma clientela vastissima não só no Paiz mas também no estrangeiro, principalmente no Brazil e na Espanha. Em Lisboa é uma loucura. Em frente ás montras da casa que la temos formam-se verdadeiras bichas...

—Tem concorrido a exposições?

—Sim senhor. Concorremos ás de Coimbra e Vizeu onde obtivemos o 1.^o premio. Vamos concorrer também á do Rio de Janeiro.

Os artistas e os operários da Fábrica

—E os vossos artistas?

—Ah! Temos o mestre incomparavel que é Duarte Magalhães e contra-mestre Angelo Chuva. Entre outros pintores conceituados temos os srs. Candido Silva que pintou a talha artistica que foi para a exposição do Rio de Janeiro, Antonio Egidio, Antonio Peixe e seu filho Palmiro, Tolentino de Magalhães, Marcos Gomes etc.

—Qual a população operaria da fabrica?

—520 entre homens, mulheres e creanças. Neste numero não se contam algumas dezenas de operarios empregados nas novas construções.

—Quais os generos que fabricam?

—Louças d'uso comum, isoladores, porcelanas industriais, objetos d'arte de todos os estilos e modelos de escultura fornecidos pelo sr. Simões de Almeida Sobrinho.

—Estava terminada a entrevista. Despedimo-nos e partimos para Aveiro magizando no que podiamos ser se todos nos compenetrassemos dos nossos deveres e no que somos devido á nossa incuria...

Sobre o encerramento de uma capela

Ex.^{mo} Sr. Director

O jornal «O Debate» que V... mui dignamente dirige, publica no seu ultimo numero uma carta assinada pelo sr. commissario de policia, em que este senhor com o pretexto de desmentir um boato, ... vem a publico emitir a sua opinião sobre o encerramento da capela anexa do Museu Regional e que deste faz parte integrante.

Parece mesmo ter sido este o motivo principal da carta.

Duas palavras apenas, por agora.

Quando ao boato, de que o sr. commissario tinha solicitado o encerramento da capela, é absolutamente falso; como destituida de fundamento, é a afirmação de que o tumulo de Santa Joana esteja vedado ao publico. Esteve de facto. Mas fui eu que mandei abrir a casa onde ele se encontra, após a minha chegada a Aveiro.

Confirmando, pois, com infinito prazer, o desmentido oposto ao tal boato... a despeito de, só a uma unica pessoa, ter ouvido semelhante afirmação:—ao proprio Sr. commissario. A mais ninguém. Mas, se é com infinito prazer, que me apresso a concorrer para ser desfeito tal boato... de que o sr. commissario me deu conhecimento pessoalmente, e ao publico, por intermedio do seu jornal,—é com muita honra e justificado orgulho que reivindicado, para mim, a paternidade da iniciativa do encerramento da capela que em minha humilissima opinião—perde-me o sr. commissario o atrevimento—deve ser vedada ao exercicio permanente do culto religioso, mas permanentemente, exposta á admiração do publico como primorosa joia artistica que é, resguardada dos vandalos que sem respeito pelo seu valor historico e artistico tem praticado ali verdadeiras brutalidades. Por agora rogo a V... a publicação desta carta que, para completo descanço do sr. commissario e cabal satisfação da minha consciencia, vou solicitar seja publicada em todos os jornais de Aveiro, pelo desejo que tenho em tornar bem publico, que é minha, e só minha, a responsabilidade de tal encerramento. A gloria de a mandar abrir ao culto religioso a outros pertencerá. Não a mim; afirmo-o com segurança.

Mais tarde, comentarei as afirmações do sr. commissario, não o fazendo já pelo respeito que devo á situação especial em que me encontro nesta cidade.

Com os meus agradecimentos, disponha V... de quem é

De V. at.^o ver.^o e obr.^o

Silvério Pereira Junior

ROUBO

—Ao sr. Filipe Mendes hospedado no Hotel Central roubaram a carteira com o cartão de identidade, 235\$00 em dinheiro, diversas cartas, varios retratos pequenos, 2 rodas em made-paraola com a indicação Monte-Estoril, sendo uma rubra e outra branca, a primeira no valor de 5\$00 e a segunda de 10\$00, uma caneta de tinta permanente, um relógio com chatelme, um lenço de bolso branco, um chapéu preto tipo mazarine, da casa Ribeiro dos Santos de Lisboa com fôrro de seda branco. Um fato de gabardine verde, um bilhete de ida e volta de Lisboa a Coimbra no rapido.

O furto foi feito na noite de 23 para 24 de Julho p. p. no Hotel Central em Aveiro por meio de escalamento de uma janelá,

Bernardo Torres

Um ano mais pesa sobre o tumulo de um homem, que foi uma alma aberta a todos os desgraçados, a todos os desprotegidos da sorte, a todos os infelizes que batidos pelo infortunio, pela desgraça ou pela perseguição a procuravam, conscios de que ela nunca os abandonaria com as suas consolações, com os seus encorajamentos, com o seu auxilio, a sua esmola e até com o sacrificio da sua propria saude, quando não da sua vida.

Foi um bom e foi um justo; e morreu aos bocados, porque, como disse Seneca, não caiu de repente na morte, mas caminhando passo a passo até ella. Cada dia a morte arrebatava-lhe uma parte da sua existencia, porque o nosso proprio crescimento, não é mais que um decrecimento da vida.

Morreu abraçado ás suas crenças, com os olhos fitos na bandeira verde rubra da patria, que ele tanto amara, por quem muito sofrera e penara, nos escuros antros das nossas cadeias civis, que são sepulturas vivas que nos asfixiam, nos estrangulam e nos preparam a morte entre esperanças de vida, entre alegrias de triunfos dos credos, que nos levam á pratica dos maiores heroismos e das maiores loucuras para que a patria se redima e glorifique, embora sob alicerces amassados com as nossas lagrimas, as nossas dores e ás nossas perdidas alegrias.

Toda a sua existencia foi uma constante luta pelo bem, pela patria, pela humanidade.

Republicano duma só fé e de uma só crença, viveu pobre, podendo ser rico, porque, o que tinha, tudo dissipou em pró do seu ideal, para que ele pudesse vingar, em pró dos famintos e dos desgraçados, que lhe pediam pão para a sua fome, ou auxilio para a sua desventura, e não curava saber se aquelles a quem levava o seu socorro eram inimigos ou ingratos, que lhe saldavam suas dividas de reconhecimento com o beijo da traição ou com o couce do onagro!

E' que ele sabia, que o amor é o iman dos olhos; um pedaço de agua cristalina, que nos atrae para a desventura e nos faz ver o paraizo através dos sofrimentos, iman que a nossa alma utiliza para chamar a si dores alheias; agua que o nosso coração chora quando os outros vê sofrer e penar.

E ele que tanto amou, que tanto sofreu e que tanto bem, ás mãos cheias, esbanjou, foi um martir do proprio sentimento, porque por amar muito a outros vin sua casa arruinada, sua vida em perigo e sua saude perdida, nas masmorras dos traidores, nas levas das mortes e até nas ingratidões dos que lhe recebiam a esmola e lhe agradeciam a oferta, cravando-lhe os dentes na mão, que constantemente se abria para beneficiar os que dela se aproximavam.

Pobre e desgraçado Bernardo Torres!

Tu que acreditavas, que as revoluções eram as larvas de uma civilisa-

ção, na hora da despedida, quem sabe se ao vêres este despedaçar de energias, estas lutas intestinas, em que os homens se esfrangalham, assassina e se despedaça com calcium e dinamite, não dirias, como Nuñez de Arce: «Não é a desordem o caminho da liberdade, nem se temperam os caracteres com os horrores da anarquia, que tudo conspurcam e degradam; para viver e progredir uma nacionalidade é preciso trabalhar; é necessario amor; trabalhar para que readquiramos a antiga grandeza, amor para que possamos voltar a ser e que fomos, herois entre os herois, maiores entre os maiores!

Julgavas tu, que a tua vida toda feita de sacrificios, trabalhos, prisões, privações, sofrimentos e lagrimas poderia morrer satisfeita e contente ao contemplar uma patria nova, engrandecida pelas suas virtudes, immortalizada pelas suas liberdades, e para isso lutaste e venceste; mas a luta transformou-se em desordem e a victoria em uma feira em que se oferecem, vendem e compram consciencias de vilões ruins para o cavar da sepultura da patria!

Fizeste bem em morrer para não assistir a este desabar de uma nacionalidade, tão batida de paixões, tão maltratada de gananciosos mercadores, que buscam na fortuna mal ganhada a mortalha que a todos ha-de chumbar ao caixão da ruina, da desordem e da anarquia; principais fautores da miseria publica, ganha-pão dos falsos patriotas, para não deixarem governar quem saiba, pois das revoltas vivem e com revoltas enriquecem, sem se importarem que a patria se afunde em um mar de lama e podridão dos irrequietos e ambiciosos, que não tendo talento para subir e trepar, da derrocada geral tiram forças para se impor não pela palavra, mas pelas bombas mortíferas, que a traição incendia e o cobardismo aplaude.

Fizeste bem em morrer Bernardo Torres!

Ha tão pouco tempo morreste ainda, pobre amigo, e todos te parecem ter esquecido.

E' que os mortos vão depressa! Quando vivias e tinhas que dar, todos te adoravam, todos te procuravam!

Adormeceste no teu sono derradeiro e todos te esqueceram!

Todos! Não; os democratas aceram-se do teu caixão, ajoelham perante ti e beijando-te a dextra, que tanto bem espalhou, segredam-te balxinho, muito baixinho descança em paz, pobre amigo, que a Patria de D. Nuno, de Pombal e de Viriato não morrerá, porque os nossos peitos servir-lhe-hão de escudo, e as nossas almas de balsartes para que a Republica, que tanto amaste seja a que nós sonhamos nos momentos dos combates, das nossas lutas e dos nossos triunfos.

Descança em paz, que no novo ano cá viremos dizer-te—Vencemos! Portugal revive para as glorias da sua nova historia.

Agradecimento

Julia Leopoldina Regala de Sousa, (ausente) Honorato da Fonseca Regala, Luiza Ernestina da Fonseca Regala, Alice de Castro Regala e Armando de Castro Regala, profundamente penhorados com o grupo de Senhoras, antigas alunas do extinto Colégio de N. S. da Conceição, que mandou celebrar na igreja do Carmo d'esta cidade officios funebres pelo eterno descanço da nossa muito saudosa irmã e tia D. Rosa E. Regala Moraes no 30 dia do seu falecimento, manifestam-lhe por esta forma o seu

agradecimento e bem assim a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la á sua ultima morada e ás que por ela se interessaram durante a sua doença.

A todos o nosso reconhecimento e gratidão.

O «Debate», é o jornal de Aveiro de maior circulação neste districto.

A raiva no distrito de Aveiro

Entrevista com o Intendente de Pecuária

Proseguindo na divulgação dos vários conhecimentos a respeito da raiva, procuramos novamente o sr. intendente de pecuária. A hora aprazada já ele se encontrava no seu gabinete de trabalho esperando-nos. Depois de algumas palavras sobre vários assuntos, recomeçamos a nossa palestra, dizendo-lhe que ia, como tinha prometido, descrever os sintomas da raiva no cão sobre a forma furiosa.

—Qual a forma furiosa?
—O seu proprio nome o diz, escutando por isso de ser definida e mesmo porque não ha ninguem que não tenha visto um cão raivoso, ou pelo menos ouvido contar detalhadamente, aqueles que tem tido a infelicidade de os encontrar.

Os primeiros sintomas no cão consistem na alteração dos seus habitos e costumes.

Ele apresenta-se triste, abatido, procura fugir ao convívio dos seus companheiros e donos, como que presentindo a desgraça de que foi acometido. A este estado de tristeza, succede-se uma certa excitação e mau estar, apresenta-se inquieto, igualmente como uma pessoa que tem qualquer coisa que o preocupa, pois deita-se e passado pouco tempo levanta-se, passeia, como que preocupado e triste, depois de alguns momentos torna-se a deitar e assim sucessivamente neste estado permanece mais ou menos tempo, o qual se vai modificando a pouco e pouco, notando-se que a excitação é maior, e que tudo o irrita e para fugir a essas causas de excitação, continua a fugir para os sitios isolados, mete-se debaixo da palha, etc.

Nesta altura ainda é meigo, vem ao chamado, come, bebe, trata as pessoas conhecidas com a habitual dedicação, mas por vezes nota-se qualquer coisa de estranheza nas suas festas, visto que se contraria e lhe desagradam certas pequenas coisas.

O animal já não é o mesmo fiel amigo e companheiro, ha nele qualquer coisa de estranho, que se passa no seu intimo, e com que uma pessoa que tem certo resentimento com outra, e que embora se queira mostrar presenteira, não o pode fazer.

A doença vai, hora a hora, fazendo

o seu progresso, e o periodo de começo ou preparação para o terrível ataque cujo aparecimento não vai geralmente alem de trez dias, terminando ele, a doença apresenta-se com toda a sua clareza e horrivel cortejo de sintomas. Com raras excepções, desde esse momento, o animal deixou de ser meigo e ha certos momentos em que se apresenta como um revoltado, contra tudo e contra todos, pois parece ter a noção de que a sua desgraça é devida ao desleixo e incuria dos homens, que não sabem extinguir tão terrível mal.

Encerrado ele numa casa, está constantemente numa grande excitação, escava no chão, rasga tudo quanto ao seu alcance está, enfim não socego. Por vezes, parece-lhe ver que o atacam e lança-se no ar para morder o seu inimigo, e nesta excitação se mantem mais ou menos tempo, ás vezes horas seguidas, para se lhe succeder alguns momentos lucidos e de descanso, nos quais conhece todos e apresenta-se como antigamente, mas em breve volta ao estado de loucura, a qual vai momento a momento tornando-se mais intensa e permanente. Nas suas visões, está por vezes roncando como persentindo alguém estranho, mas com uma voz rouca, e com um timbre diferente, ouva frequentes vezes, mas duma forma muito especial e particular, pois começa por uma nota baixa, e acaba por uma nota aguda, e tal uivar é tão característico, que quem o tenha ouvido uma ou duas vezes, não o esquece facilmente. Ha casos em que este sintoma falta, notando-se somente uma voz rouca e uns gemidos fracos e roucos. A doença vai avançando, constantemente, o estado de excitação e loucura cada vez é maior. Notam-se grandes tremores, e por vezes uma grande sensibilidade da pele, pois que o mais leve contacto lhe produz a irritação e dores, noutros se dá completamente o contrario, pois podem pica-los ou queima-los, que nada sentem, e tanto assim é, que tem-se visto cães raivosos, rasgarem as suas carnes com manifesta facilidade, e principalmente no ponto onde foram mordidos.

No proximo numero continuamos a descrever esta forma de raiva.

Escola Fernando Caldeira

Resultado dos exames PASSAGEM PARA O 2.º ANO

Alixandre da Graça, Amadeu Ala dos Reis, Americo dos Santos Lopes, Antonio Augusto Amadas, Antonio Bernardes Abranches, Antonio da Costa, Antonio Maria Borrêgo, Antonio Rodrigues Limas, Arlindo Faria Queiroz, Carlos Julio Duarte, Cenceição Maria das Neves, Eduardo Alberto da Costa, Innocencio Soares, Jaime Correia da Silva, José da Naia Ferreira, José Lobo, Zarcez Palha d'Almeida, José Maria Borrego, José Monteiro, Luiz Dias Moreira, Manuel Lobo Garcez Palha d'Almeida, Mario da Cruz Limas, Raul Lopes Fradique.

EXAMES DO 2.º ANO APROVADOS

Alfredo da Silva Ribeiro, Antonio Ferreira do Vale, Carlos Pinto da Silva, Cesar das Neves Vidal, Domingos Ferreira de Barros, Jaime Martins de Lima, Jeremias Augusto Duarte, João Marques d'Oliveira Joaquim Coelho da Silva, Julio Marques Sobreiro, Lauro da Silva Corado, Lino Machado, Manuel Monteiro, Manuel Pereira Boia, Maria Regina Marques Sobreiro, Ricardo dos Aujos.

PASSAGEM DO 1.º ANO ORNAMENTAL

Aniano Soares, Armando Seabra, Edmundo Trindade da Silva, David dos Santos Gamelas,

PASSAGEM DO 2.º ANO CRONAMENTAL

Albano Pedro da Conceição, Manuel Pedro da Conceição, Joaquim Correia dos Santos.

EXAMES DO 3.º ANO ORNAMENTAL

5.º ano do curso de aprendizagem

Antonio Ferreira Monteiro, e João Correia dos Santos.

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO (Pintura Cerâmica)

Carlos Pinho das Neves Aleluia, Jervasio Pinho das Neves Aleluia e Mannel Pedro da Conceição.

A Academia do Liceu de Aveiro

O seu projecto de reforma no proximo ano lectivo

Notando-se, flagrantemente, a mais completa falta de solidariedade na Academia desta cidade o que impede incontestavelmente a realização de projectos, nesta hora extremamente necessaria para a confraternização da mocidade académica que deve estar sciente dos seus deveres e da sua independencia intelectual, um grupo de alunos deste Liceu, guiados por ideas construtoras, amantes do progresso da Academia a que se honram de pertencer, resolveram, num intuito regenerador, estabelecer:

1.º—Que todos os alunos deste Liceu, particularizando os membros da Direcção e os representantes de classe, deverão comparecer, todos os meses, a uma reunião da Academia, em que se tratarão assuntos que interessem á vida escolar, os quais, segundo a natureza e qualidade a que pertencam, serão mais tarde relatados no *Jornal dos Estudantes*, órgão da Academia Portuguesa, com sede em Lisboa.

2.º—Que nestas reuniões todos terão o justo direito de fazer uso da palavra, a fim de se discutirem, devida e razoavelmente, assuntos de caracter unicamente académico. Combater-se-ão ideas, opor-se-ão discussões, ordeiramente, educadamente.

3.º—Que ainda haverá outras reuniões de caracter scientifico, litterario, desportivo, etc., devendo o aluno conferente avisar previamente o presidente da Academia, a fim de se combinar o dia e a hora em que terão lugar.

4.º—Que todo o aluno contribuirá, durante o ano escolar, com a módica quota mensal de \$10 destinada a despesas extraordinárias que a direcção da Academia tem sempre a fazer.

5.º—Que no encerramento das aulas a Academia se reunirá em Assembleia Geral, a fim de se deliberar o destino a dar a qualquer dinheiro que, por ventura, possa haver ainda.

6.º—Que desde a próxima

abertura das aulas se estabeleça a distincção entre os alunos dos Cursos Complementares e os do Curso Geral por meio de um distintivo comprovativo do Curso a que pertencam.

7.º—Devendo inferir-se a diferenciação entre a 6.ª e 7.ª classes de Sciencias e letras que compõem os Cursos Complementares:

a) Os alunos da 7.ª classe do Curso de Sciencias usarão pasta com fitas largas, verdes e azuis, cores correspondentes ao Curso a que pertencem.

b) Os alunos da 7.ª classe do Curso de Letras usarão pasta com fitas largas, verdes e encarnadas.

c) Os alunos da 6.ª classe do Curso de Sciencias usarão pasta em que se distingam, a um canto, duas fitas estreitas, sobrepostas em diagonal e de cores identicas ás da 7.ª classe.

d) Os alunos da 6.ª classe do Curso de Letras usarão da mesma forma uma pasta, com fitas estreitas, verdes e encarnadas, dispostas em diagonal a um canto.

8.º—Que os alunos do Curso Geral, e unicamente os pertencentes á 2.ª Secção, usem uma simples pasta sem distintivo.

9.º—Que os alunos da 1.ª Secção usem como distintivo uma fita verde na lapela.

10.º—Que é restritamente prohibido o uso da pasta de couro. Podem, contudo, os alunos da 7.ª classe dos dois Cursos servir-se do veludo, setim, etc., para as suas pastas de luxo. Os demais alunos terão apenas uma pasta usual.

Antonio Sacchetti
Albano de Noronha

Em viagem

—A bordo do Bagé seguiu ha dias, para Nitheray, a sr.ª D. Filomena Borges e Silva, que se vae reunir a sua irmã D. Maria Custodia Borges Braga, digna esposa do Dr. Gastão Braga, residentes n'aquella cidade brasileira.

Arte e Literatura

O RISO

O riso é necessario. A prova disso é que até nos adultos, subditos e servos das conveniencias, ha occasões em que ele é irreprimível. Ha quem tenha perdido uma fortuna, quem tenha comprometido todo o seu futuro, quem tenha arriscado a vida por causa de uma risada inconveniente: lá vem um momento em que a necessidade de rir, como uma lei imperiosa e fatal, rompe todos os diques, e impetuosa, estronda em explosões escandalosas. Ha situações em que o homem ri... ou morre.

O riso faz bem. Não é preciso ser fisiologista ou higienista, para saber que ele é higienico, porque, alterando e activando a respiração, altera e activa a circulação do sangue. Também é verdade que o riso pode fazer mal: quando exagerado, pode matar... E' a triste condição da sorte humana: todas as coisas boas, em geral, podem matar. Mas os maleficios do ris são raros e excepçionaes: os seus beneficios é que são constantes e regular. Ha casos de molestias curadas e de accidentes remedidos pelo riso, medico que todos tem em casa, e que não pede dinheiro aos doentes. Eramos, o autor do Elogio da Loucura, conta que certa vez, torturado por um abcesso maligno, começou a ler, para se conolar, as Epistolae obscurorum virorum, escritas no latim barbaro dos teologos escolasticos, e, em certo ponto da leitura, riu tanto da incon-

gruencia do estilo, que o abcesso reventou por si mesmo. E ha casos de pessoas engasgadas com uma espinha em que as cócegas, provocando um frouxo de riso, são mais eficazes do que o emprego das sondas e das pinças esofagianas... A benção seja o riso, que até faz concorrência aos cirurgiões!

Já um pedagogista inglez, citado por Sully, lembrou a necessidade da criação de «Escolas de Riso», para as crianças. Parece uma fantasia de... Inglez. Mas é uma ideia, e uma ideia em que não vejo extravagancia, porque revela o intuito de desenvolver nas crianças uma disposição natural que vae desaparecendo.

O riso é tão natural, que ninguem o ensina ás crianças. O reconhecimento começa a sorrir logo no primeiro mez de vida. Ha neste auditorio com certeza muitas mães: eu bem sinto a sua presença por uma especie de atmosfera moral de simpatia e de carinho, que me está cercando, desde que comeci a falar de crianças... Que essas mães lembrem a anciedade, a sofreguidão, o inquieto e delirioso sobressalto, com que, ajoelhadas junto do berço do filhinho recém-nascido, como junto de um altar esperaram e esperam nos seus tabios pequeninos o alvorecer do primeiro riso. Não é ainda propriamente um riso, nem um sorriso: é um gemimento de sorriso... Dias depois o movimento dos labios accentua-se. No quinto mez, já a criança saída com um sorriso intelligente ás fisionomias que começam a ser-lhes familiares; no fim do primeiro ano, já esse sor-

riso, por assim dizer, raciocina: aprova, reprova, concorda, contradiz, aceita, recusa: ao mesmo tempo, completa-se, transforma-se, em certos momentos, numa risada franca; e, daí por diante, toda a infancia é um largo riso insubordinado, que zomba da estúpida imposição do «não riam!» Na adolescência, o sorriso e o riso são de amor e de triunfo: no sorriso do adolescente, ha supplicas, anseios, delirios; no seu riso,—riso de alegria de viver e de satisfação de amar,—ha clangores de clarins, e gritos de victoria. Agora, eis ahi chegamos á virilidade, com as suas «conveniencias» com a sua hipocrisia: já não ha risos nos lábios dessa creatura, ao desabrochar de cujo primeiro sorriso assistimos: ha sorrisos, sim, mas nem sempre de alegria ou de amor, antes de sarcasmo, de ironia, de despeito... Chega, porém, a velhice; e, na velhice, reaparece o mesmo innocente riso da infancia. Ainda ha pouco tempo, visitando o Asilo da Velhice desamparada, observei, com enterneçada curiosidade, o constante sorrir dos pobres velhinhos e das velhinhas meigas, que se abrigam naquella casa de infinita misericórdia. Aquecendo-se ao sol, como embaldados num sonho doce, todos eles e todas elas sorriam, com um sorriso de anjos... E' que com o mesmo divino sorriso, ingenuo e puro, saída a vida a criança, e d'ela se despede o ancido.

O riso é natural. Os selvagens riem, e riem talvez melhor do que nós. Um viajante Inglez, Bates, diz que «os Indios do Brazil são fleu-

gmaticos, apáticos e não sabem rir.» Provavelmente, esse Inglez só estudou os nossos Indios... da rua do Ouvidor. Ao contrario d'essa opinião de Bates, todos os viajantes afirmam que todos os selvagens riem, como as crianças, com uma exuberante facilidade. O primeiro europeu, que viu e tratou os nossos Indios, foi Pero Vaz de Caminha, o cronista da expedição de Cabral; e eis o que se lê na sua famosa carta dirigida a El-Rei Dom Manuel: «Passou-se então além do rio Diogo Diniz, almoçarife que foi de Sacavem, que é homem gracioso e de prazer, e levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita, e meteu-se com eles a dançar tomando-os pelas mãos, e eles folgavam, e rião, e andavam com ele mul bem ao som da gaita. Depois d'elles dançarem, fez Diogo all, andando no chão, muitas voltas ligeiras e um salto real do que eles se espantaram, e riram e folgaram muito...» Toda a carta de Caminha está cheia de referencia, como essa, ao riso dos selvagens do Brazil. Um viajante alemão, naturalista illustre, Carlos Den Steinen, que longamente visitou o Xingú, conta no livro «Entre os selvagens do Brazil Central» varios episodios da sua viagem. Um d'esses episodios é característico. Den Steinen entrou certo dia numa cabana, que abrigava trez ou quatro familias. As mulheres trabalhavam, reunidas preparando em grandes potes de barro, uma bebida fermentada: e «quanto trabalhavam (diz o viajante) cochichavam e rião muito, trocando segredinhos e risadinhas em voz

baixa, tapando a boca com a mão espalmada...» Lendo esse trecho do naturalista alemão, não pude deixar de reconhecer quão pouco diferem, na essencia, a vida selvagem e a vida civilizada... Esse quadro, nas suas linhas geraes, é igual aos que contemplamos de ordinario, não em pobres ócas do Xingú, mas nas salas, onde pompa a vida civilizada quando as senhoras em grupo, tagarelam e riem, com o leque aberto sobre a boca... Coitadas! as nossas barbaras avós da idade selvagem não usavam leque: contentavam-se com a mão espalmada.

Os selvagens sabem rir. E riem, principalmente, sabeis do que? riem do que o homem civilizado sabe fazer o que eles não compreendem, e riem quando veem que o homem civilizado não sabe fazer o que eles fazem. Como vedes, continuamos a descobrir muitas semelhanças entre civilizados e selvagens... Também nós habitualmente rimos do que não compreendemos, e rimos da ignorancia dos outros. Outra semelhança: um missionario Inglez Mac Donald, que viveu muito tempo entre os pretos barbaros e antropofagos da Africa, diz que tudo d'elles se pôde obter quando se lhes provoca o riso: «para esses homens rudes e brutos, uma boa pilheria vale mais do que dez argumentos...»;—nós não somos selvagens, e também assim nos deixamos levar pelo riso: e é por isso que os francezes dizem que sempre acaba tendo razão quem sabe metre les riens do son côté.

Olavo Bilac

Arte e Literatura

Elogio do Silêncio

Ser silencioso é viver dentro de nós mesmo, é subir ao mais alto grau de aperfeiçoamento humano.

O silêncio é uma grande abóbada fechada onde vive o nosso espírito e cujas paredes ressoam ao embate das emoções da vida. Amortecido o choque por essas paredes, as emoções chegam ao nosso espírito mais suaves e menos desagradáveis.

Exteriorizar é mentir aos outros como a nós mesmos. É trabalhar inutilmente contra a nossa insuficiência de expressão.

O orador e o escritor, mesmo nas horas dos seus melhores triunfos, nunca conseguem exprimir toda a beleza do seu pensamento.

O pintor, o escultor, o músico, nunca conseguem exprimir nas suas mais felizes produções, reproduzir fielmente as emoções que os inspiraram.

Todo aquele que produz é um insatisfeito:—nunca a sua obra se exteriorisa como ele a idealisara.

Nós apreciamos sempre mais as obras dos outros que a exteriorização das nossas porque, envoltas aquelas no silêncio do nosso espírito, as aperfeiçoamos pela interpretação pessoal. E, quando algum encanto não existe na sua exteriorização, mas sim naquilo com que, no silêncio do nosso espírito, nós a completamos.

O espírito é, pois, o admirável cirzelador das imperfeições humanas: Ideias não existem sendo no Silêncio, como aparições vagas, indefinidas.

O poeta e o artista nunca encontram o seu ideal. Depois de realizado aquilo em que nós esperávamos um prazer ideal, fica-nos sempre o desgosto da desilusão.

Quanto menos subjectivas forem as

exteriorizações da Arte dos outros, mais nos impressionarão porque, sendo menos, pessoais, são mais silenciosas.

Assim, a mimica é preferível à representação; a pintura é preferível à mais eloquente descreção.

A musica, por ser, de todas as manifestações da Arte, aquela que se presta a mais vastas e variadas interpretações, ainda mesmo apesar do inconveniente de chegar aos nossos ouvidos através do temperamento dos artistas que a executam, é a mais silenciosa e, portanto, a mais perfeita.

Dois creaturas que conversam agradavelmente julgam que estão a exprimir-se por frases muito felizes quando, na verdade, o deleite da conversa apenas resulta de conseguirem fazer surgir, no espírito, uma da outra, emoções agradáveis que nenhuma delas seria capaz de exprimir.

Os momentos mais suaves, mais doces da nossa vida, são aqueles que nós passamos envoltos no nosso Silêncio, alheios aos pequenos promeiros da vida. E os nossos prazeres são sempre mais intensos quando a desfeituosa palavra humana nos não vem despertar do nosso Silêncio.

Ser silencioso é, pois, atingir o mais alto grau do aperfeiçoamento humano sem perder tempo inutilmente a empobrecer emoções, exteriorizando-as.

A Humanidade será talvez menos infeliz um dia:—quando a palavra for substituída pela transmissão do pensamento e a Terra ficar envolta num grande Silêncio espiritual.

João Lino

"O DEBATE," através do Districto

ILHAVO, 2—8—922.

Ilhavo, está de luto.

Politicamente acaba de morrer o Euzebio.

Morreu esmagado pelo peso da pena do sr. Cezario da Cruz. Mais um boticario esmagado pelo peso cruel e adverso do destino.

Foi uma perda dos diabos e um grande alívio. Perda, porque já não podemos divertir-nos com o Euzebio de triste memoria e um grande alívio porque o povo de Ilhavo fica livre da tulela daquele diabo.

No domingo passado cerca das 15 horas tocaram as duas badaladas na torre chamando os fideis para o enterro. Daí a pouco dirigindo-se para a redacção do «Ilhavense», local onde se achava exposto á risota os restos mortais do nosso nunca assaz esquecido Euzebio Macario, o sr. Padre Pé-levé vestido de sotaina, sobrepelez, quico, guarda-sol com o inseparavel livro de orações, entra na redacção e prepara-se para pôr a absolvição ao defunto.

O ex-administrador incomparavel, o sr. Wenceslauzinho, com o cigarro a tremer-lhe entre os dedos, tem o testamento na mão e, indignado, virando-se para o sr. Padre diz-lhe:—veja, sr. Padre, veja isto! Este grande diabo compara-me com o meu avô e chama-me burro!

Leia, leia, com atenção! A você chama-vos seus lacaios e acaba por deixar aos filhos as celebres palavras: Odio, odio e mais odio á Vista Alegre!

O Padre raborisa-se a principio e a pouco e pouco, com a leitura do testamento, congestionava-se. As veias do pescoço estão cheias e este já parece o cachaço dum touro depois de corrido. Abre as mãos, larga o testamento, livro de orações e o guardachuva. Apopletico, com a sua voz aflautada, diz:—Ah! grandissimo brejeiro!... E chamaram-me para te pôr a absolvição!... Nunca, nunca. Eu queria abafar aqui dentro os teus erros de administração camararia; eu queria

esquecer-me que tens sido tudo: republicano, franquista, progressista, ateu, livre-pensador, maçónico, protestante, budista, catolico e apostolico romano tocando sanfona á missa nas igrejas, pifaro nos arraiais, que voltaste a ser republicano liberal, que te juntaste com a Pateira do Calatré e que, por ultimo, dizes ser regionalista, tu, que tens posto ao desbarato os rendimentos da Camara, tu, que tens levado mais bordoadas que a pançaria do teu ex-colega Venancio eximio-tocador de pifaro, tu... nunca, nunca! Outro que venha pôr-te a absolvição que eu estou-me nas tintas.

E num desespero pregou enorme rasgão na sobrepelez e ia para tirar a batina se a tempo não lhe acode o acolito Capitãozinho dizendo:—Oh! sr. Padre, olhe que não traz calças e fica descomposto com as ceroulas á vista e demais a mais rotas nos fundilhos. Deixe essa alma do diabo e venha a casa da Tia Vicencia beber dois do fresquinho para lhe acalmar esse sangue. O sr. Padre já sabe ha muito que é muito cáldo do seu rico sanguinho!

—Tens razão, meu amiguinho, vamos-nos embora, que o leve o diabo.

O pobre Uliisses viu-se grego para pôr aquilo fora da redacção.

Todos debandaram e o deixaram em paz e ás moscas.

Um estrangeiro.

SEVER DO VOUGA, 7—8—922

Em diversos jornaes monarchicos foram publicadas correspondencias desta vila, em que o seu autor bem manifesta a sua má vontade contra a nomeação do nosso amigo sr. Silva Pereira para amanuense interino da administração do concelho. Aquilo cheira a rato de sacristia, inimigo da Republica.

Deve confessar-se que o homem tem certa razão. E' que o novo funcionario fica sendo um

agente da autoridade com o dever e tambem com a melhor vontade de defender as instituições. Ora ao aflito correspondente não convem um tal vizinho que pode vir a surpreende-lo em flagrante delicto contra a Republica, fazendo-o marchar em busca do premio que lhe é devido.

Se o ridiculo sotaina tivesse a franqueza de censurar o facto com este fundamento, estaríamos de acôrdo. Mas dizer que o sr. Silva Pereira não possui as precisas habilitações, apesar de ele ter feito exames de 1.º e 2.º graus e exercer o logar de juiz de paz ha bastantes anos, é muito conscientemente.

De resto, a talassaria fala em compressão de despezas, mas é para uso dos outros, pois é sabido que diversos lugares publicos deste concelho já estão prometidos para quando a coisa vier, e que eles dizem estar para muito breve. Até nem seria mau fazer-lhes explicar as razões de taes afirmativas.

— Por intrigas facets de calcular de onde partiram, foi suspenso o quadjutor da freguezia de Silva Escuro sr. padre Domingos Martins, que gosa ali das maiores simpatias que lhes atraíram á inveja, senão o ódio fradesco que não perdêa. Acusado de ter prestado qualquer pequeno auxilio ao ajudante do official do registro civil, a perseguição não se fez esperar. Ora, como o Estado tambem dispõe das suas razões, não seria mau dar o devido premio áqueles que se atrevem a perseguir quem lhe presta serviços por qualquer forma e só por este facto.

O sr. padre Domingos nunca foi democratico, mas nem por isso deixamos de fazer justiça ao seu belo character e á bela disposição do seu espirito para com toda a gente. Fosse ele dotado dum odio espirito jesuitico e gosaria de todas as regalias da seita.

— Para a vaga deixada pelo velho abade da freguezia de Pegueiro, ilustre e santa creatura que só soube praticar o bem, foi nomeado o sr. padre José Luciano Lobo, da ilustre familia Lobo e Silva, deste concelho. Apesar de ter estado a parouquir distantes anos, uma freguezia distante daqui, sabe-se que possui espirito culto e capaz de compreender a sua missão.

Basta seguir o exemplo do seu antecessor, embora sem o espirito de sacrificio que fez dele um pobre voluntario.

C.

PARDELHAS, 13.

Auspicioso enlace

Realisa-se na proxima quinta-feira, dia 17, o casamento do Ex.º sr. dr. Joaquim Manuel Rueira e Cirne, da freguezia do Bundeiro, com a Ex.ª Sr.ª D. Maria Carmoena Valente Sobreira, filha do sr. Manuel Sobreiro e de sua ex.ª esposa D. Albina Valente Garrido, de Pardilhó.

O noivo, que é muito querido e estimado no concelho de Estarreja, pelas suas magnificas qualidades de coração e character, é um distintissimo e conceituado advogado que têm conquistado muitos louros na sua brilhante carreira de advocacia, que lhe dão já a uma situação invejavel. Descendente duma familia de diplomados continua a honrar as tradições nobres e intellectuais dos seus antepassados, sendo assim o digno successor das honrosas tradições daqueles que lhe deram o nome.

A noiva, muito inteligente, educada e ilustrada, é uma simpática e amavel senhora, que a todos captiva pelo seu trato llano e cativante, captando assim as simpatias de todos áqueles com quem convive. Filha unica, é o enlevo de seus estremosos pais que nela vêem a unica e lisongei-

ra vergontea da sua descendencia.

Com tão superiores predicados, como áqueles de que os noivos são possuidores, justo é de esperar que a vida se lhes depare como uma larga estrada juncada de flores e é isso mesmo o que do coração lhe apeteçemos. Pardelhas, 14—8—922.—C.

—

PINHEIRO DA BEMPOSTA, 13

Falecimento

Faleceu n'esta freguezia, no dia 13 do corrente, o velho republicano, José Barbosa de Quadros.

Deixou testamento, contemplando os seus criados e pobres d'esta freguezia, além de outras disposições. A sua morte é uma perda irreparavel que os pobresinhos muito vão sentir, dádo o seu coração esmolêr. O seu cadaver seguirá para Ovar, para jazido de familia.

Ao grande Democrata um eterno e saudoso abraço dos seus queridos amigos do Pinheiro.

C.

Corridas de natação

Programa

20 DE AGOSTO

Programa das corridas

100 metros (estilo livre)

INSCRIÇÃO 1\$00

1.º premio—Taça da Cidade

Oferta do Ex.º Sr. Pompeu Alvarenga

2.º premio—Medalha de Cobre

3.º —Medalha de Cobre

500 metros

INSCRIÇÃO 1\$00

1.º premio—Medalha de Prata

2.º —Medalha de Cobre

3.º —Objecto de Arte

Oferta da Sr.ª Baroneza Recorta

650 metros

Travessia das Piramides

(EQUIPES DE 3)

INSCRIÇÃO 3\$00

Premio unico—Medalha de Cobre

Para a equipe vencedora

Brevemente concurso de Mergulho e Salto

E'ditos

1.ª publicação

Por este Juizo de Direito, escrevão Marques, correm editos de 30 dias a contar da segunda publicação deste anuncio, citando os interessados Manoel Garrêlhas, Antonio Garrêlhas, solteiros, maiores e Manoel Maria Garrelhas, solteiro, menor pubere, todos ausentes em parte incerta do Brazil para os termos do inventario orfanologico por obito de seu avô João das Neves, viuvo, morador, que foi, na Gafanha da Encarnação, Ilhavo. Aveiro, 1 de Agosto de 1922. Verifiquei:

O Juiz substituto,

Alvaro d'Eça

O escrevão,

Francisco Marques da Silva

Liceu Vasco da Gama

Movimento e aproveitamento nas diferentes classes

1.ª classe—Matricularam-se 70 alunos e transitaram á classe immediata 58.

2.ª classe—Matricularam-se 61 alunos e transitaram á classe immediata 53.

3.ª classe—Matricularam-se 43 alunos e tranzitaram á classe immediata 27.

4.ª classe—Matricularam-se 48 alunos e tranzitaram 36.

5.ª classe—Matricularam-se 37 alunos e foram admitidos a exame 29.

6.ª classe—[Letras]—Matricularam-se 5 alunos e tranzitaram 3. 6.ª classe—[Sciencias]—Matricularam-se 15 alunos e tranzitaram 13.

7.ª classe—[Letras]—Matricularam-se 4 alunos e foram admitidos a exame 4.

7.ª classe—[Sciencias]—Matricularam-se 17 e foram admitidos a exame 11.

Exames em Outubro

AVISO

Os alunos que, por motivo de doença devidamente comprovada, faltaram a todas ou a algumas das provas do exame que deveriam ter realizado na epoca normal, requererão ao reitor até 20 de setembro a admissão a esse exame em Outubro.

Os alunos admitidos a este exame apenas prestarão as provas que não tiverem prestado na epoca normal, sendo dispensados do pagamento de novas propinas.

Os alunos do periodo tranzitorio, esperados numa disciplina, não requerem, mas têm de pagar até ao dia 28 de Setembro uma propina de 3\$00.

Matriculas

As matriculas realisam-se de 10 a 15 de Setembro. Os requerimentos dirigidos ao reitor devem indicar o nome, idade, naturalidade, filiação e morada, a classe em que pretenda matricular-se e o nome e morada do encarregado da educação. Os documentos necessarios á matricula na 1.ª classe são:

a)—certidão de idade.
b)—certidão do exame de admissão ou do 2.º grau.
c)—termo de responsabilidade passado pelo encarregado da educação, quando não for o pai ou pessoa que o substitua.
d)—caderno escolar.

—Quanto aos que não foram internos na classe anterior, apresentarão, além do requerimento e termo de responsabilidade, a certidão de tranzito ou de exame de admissão á classe.

—Os alunos que foram internos, apresentarão somente o requerimento e termo de responsabilidade.

Os alunos que pretendam matricular-se na 1.ª, 3.ª e 6.ª classes têm de apresentar uma fotografia 4 X 5.

E' preciso o certificado de revacinação para os alunos que tenham o antigo exame do 2.º grau e para os que tenham sido estranhos ao liceu.

—Já tomou posse do lugar de professor efectivo do 6.º grupo do nosso liceu o sr. dr. Cesar Fontes que veio do Liceu de Santarem por permuta com o professor dr. José da Vera Cruz Pestana.

Agencia de passagens e passaportes

Trata

Valentim de Oliveira Martinho
Rua Direita—AVEIRO

Empresa Metalurgica de Aveiro, Limitada

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de 13 do corrente, celebrada nos notas do notario desta cidade e comarca, Adelino Augusto Simão da Fonseca Leal, foi constituída uma sociedade por cotas, de responsabilidade limitada, entre os Srs. João Pereira Campos, casado, industrial, Manes Nogueira, casado, proprietário, Manuel de Figueiredo Prat, solteiro, proprietário, e Miguel Ferreira de Oliveira, casado, mecânico, todos de maioridade e moradores em Aveiro, nos e sob as cláusulas dos artigos seguintes:

- 1.º—Esta sociedade adopta a denominação de Empresa Metalúrgica de Aveiro, Limitada, e terá a sua sede em Aveiro.
- 2.º—O seu objecto é a exploração da indústria de seralheria mecânica e civil e fundição de metais, podendo ser explorado qualquer outro ramo de negócio em que a sociedade acorde.
- 3.º—A sociedade tem o seu começo nesta data, e a sua duração é por tempo indeterminado.
- 4.º—O capital social é de 100.000\$, em dinheiro e maquinismos adquiridos, dividido em quatro cotas, sendo

uma de 32.000\$, subscrita pelo sócio sr. João Pereira Campos, outra de 24.000\$ subscrita pelo sócio sr. Manes Nogueira, outra, também de 24.000\$, subscrita pelo sócio sr. Manuel de Figueiredo Prat, e outra de 20.000\$ subscrita pelo sócio sr. Miguel Ferreira de Oliveira.

5.º—Por conta da sua respectiva cota já cada um dos sócios entrou com a importância de 70 por cento. Os 30 por cento restantes deverão entrar em prestações, quando chamadas pela gerência.

6.º—Quando necessário para o desenvolvimento da sociedade, poderá o capital ser aumentado, sendo isso resolvido por votos correspondentes a 3/4 partes do capital social.

7.º—Qualquer socio poderá ceder a sua cota comunicando-a á sociedade, que terá o direito de preferéncia. Se esta não quizer usar deste direito tê-lo há qualquer dos outros sócios; e se aquelle e estes não quizerem preferir poderá a cota ser cedida a estranhos. A decisão da sociedade e dos sócios será dada dentro de quinze dias ao sócio que desejar ceder.

8.º—A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer dos sócios e subsistirá com os herdeiros do sócio falecido ou representante do interdito; e ape-

nas se dissolverá nos casos marcados no artigo 42.º da lei de 11 de Abril de 1901.

9.º—É dispensada a autorização especial da sociedade para a divisão de contas por herdeiros do sócio falecido, devendo, no entanto, êsses herdeiros escolher um dêles para os representar na sociedade enquanto a cota social se achar indivisa.

10.º—Os lucros liquidos que resultarem do balanço anual, deduzida a percentagem legal para o fundo de reserva, serão divididos pelos sócios na proporção das cotas, e, sem prejuizo de qualquer outra deliberação, distribuidos no fim de cada ano em seguida á aprovação do balanço.

11.º—A sociedade será representada em juizo e fora dêle, activa e passivamente, por um gerente. Para êste cargo é nomeado, sem caução, o sócio sr. João Pereira Campos, até resolução em contrário. Só ao gerente compete a direcção e administração da sociedade e assinar os seus actos e contratos, não podendo, porém, em nome da sociedade, assinar letras de favor, fianças e mais actos e obrigações de responsabilidade alheia.

12.º—As assembleias gerais, a terem lugar, serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos

sócios com oito dias de antecedencia.

13.º—Nenhum dos sócios, durante a vigência desta sociedade, poderá exercer por si a mesma industria ou fazer parte da outra sociedade que a explore.

14.º—Anualmente será dado um balanço que estará fechado em 31 de Dezembro.

15.º—Em tudo o mais regularão as disposições da lei applicável e as deliberações tomadas em reunião de sócios.

Está conforme ao original, a que me reporto.

Aveiro, 15 de Julho de 1922.—O Ajudante, em exercicio, do Notario Dr. Simão Leal, Raul Ferreira de Andrade.

Anuncio

Arrenda-se uma quinta nas proximidades de Aveiro com abundancia de agua, casa de habitação, jardim, pomares e abegoarias, proprias para qualquer cultura.

Dá informações — Manoel Barreiros de Macedo.

Vende-se uma casa no Largo Luiz de Camões, com quintal, videiras, árvores de fruto e poço. Para tratar na Rua da Sé N.º 62.

Expediente

Rogamos a todos os nossos presados assinantes que reclamem qualquer numero de O Debate que, por ventura, não hajam recebido. O serviço de administração está já perfeitamente regularizado, esperando pois que se não repitam faltas que prejudicavam os assinantes e desgostavam a nós proprios.

Vamos mandar a cobrança os recibos das assinaturas do nosso jornal. Quererão todos corresponder ao sacrificio material que se faz com a publicação de um jornal? Confiadamente esperamos que todos os nossos assinantes satisfaçam o preço das suas assinaturas, correspondendo assim com dignidade ao esforço honesto que se põe na obra republicana d'O Debate. Preferível seria que os nossos prezados assinantes mandassem pagar desde já as suas assinaturas, poupando assim muita despeza que se faz com os recibos pelo correio.

Rogamos a todos os prezados assinantes que nesta época de verão mudem de terra, que nos comuniquem as suas novas direcções, facilitando assim o serviço regular da administração.

SAPATARIA DA MODA

Especialidade em calçado de luxo

Armazem de sola, cabedais e todos os artigos pertencentes á industria de sapataria. Fabrcio manual

Elmano Ferreira Jorge, L. da

RUA JOÃO MENDONÇA, 20-1.º — AVEIRO (6)

Café e restaurante

Amarantino

Abel Pedro de Sousa

Arcada e rua José Estevam—Aveiro

Serviço á lista.

Almoços e jantares, sob encomenda.

Bebidas nacionais e estrangeiras.

Vinhos do Porto e Madeira,

Unico depositario do afamado vinho **Amarante**— Casa da Calçada.

Champanhes estrangeiros e nacionais.

Vinhos Colares e Bucelas. (7)

Aguas minerais de todas as qualidades.

Serviços esmerados

Conforto, aceio e limpeza

OURO, PRATAS, JOIAS, RELOGIOS

Compra e vende

a Ourivesaria Vilar

Ruas Mendes Leite e José Estevam—Aveiro

(8)

Tabacaria e papelaria

—DE—

José Augusto Couceiro

Avenida Bento de Moura, n.º 117

AVEIRO

Secção de livraria e objectos de escritorio.

Tabacos nacionaes e estrangeiros. Boquilhas, cigarreiras, tabaqueiras, etc.

Tintas para pintar a oleo e aguarelas.

Postaes ilustrados de fino gosto.

Perfumarias. Camisaria e gravataria. Cervejas e aguas mine- rae.

Trabalhos tipograficos em todos os generos (11)

Colchoaria Economica

de GUIMARÃES & VALENTIM

Rua Direita n.º 54 e 54-A—AVEIRO

Esta casa tem á venda: moveis de toda a qualidade, louça de esmalte, etc., etc. Preços sem competidores.

Tinturaria Aveirense

Tingem-se em qualquer cor todos os artigos de la, seda e algodão. Cores fixas. Lutos em 24 horas.

Todas as informações e encomendas devem ser dirigidas á Chapelaria Carvalho, na rua Coimbra, antiga rua da Costeira—AVEIRO. (14)

Retrozeiro Hespauhol

José Gonzalez

Rua José Estevão—AVEIRO

Completo e variado sortido em artigos de retrozeiro.

Lãs em todas as cores, algodões, retrozes, botões, fitas de seda etc.

Rendas de todas as qualidade bordadas, mantilhas de seda, e algodão.

Meias para senhora em todas as qualidades.

Peugas para homem e creança, Pentas e sabonetes, Espartilhos, babinelas, cortinados, tanto nacionaes como estrangeiros. (9)

Padaria Macedo

Especialidade em chás, cafés, vinhos finos, biscoito, bolacha, tanto nacionaes como estrangeiras.

Aos Arcos—AVEIRO. (10)